



MESTRE É UM DOS MAIS CONCEITUADOS ARQUITETOS, RESPONSÁVEL POR OBRAS COMO O CENTRO POMPIDOU, EM PARIS, OU A BIBLIOTECA NACIONAL DA GRÉCIA, EM ATENAS. JÁ FEZ DE TUDO. MAS PARA ELE CADA NOVO TRABALHO É UMA AVENTURA

TERRA
ENTREVISTA

“Combinar o bom
e o belo é o segredo
para tudo na vida”

RENZO PIANO

Foi para arquitetura para fugir à família
de construtores. A vida correu-lhe bem. Arquiteto
há mais de 40 anos e vencedor do Prémio Pritzker,
a distinção máxima da sua profissão, Renzo Piano
é uma referência. Lisboa vai ter a primeira obra com
a sua assinatura, a Oriente. Conversámos com ele

ENTREVISTA DE KATYA DELIMBEUF

Aos 73 anos, Renzo Piano, o renomado arquiteto italiano, vencedor do Prémio Pritzker (o Nobel dos arquitetos) em 1998, é um homem afável e de sorriso pronto. Conversador, cooperante, veio a Lisboa apresentar o seu projeto para os Jardins Braço de Prata, a Oriente — que depois de oito anos foi finalmente desembargado. O investimento, de 220 milhões de euros, inclui casas, escritórios, serviços comerciais, espaço de lazer para crianças e 12 hectares de zona verde. Do que ele, Renzo, gosta é de ver nascer as coisas, de “transformar buracos em projetos”. Para o homem que construiu obras como o Centro Georges Pompidou, em Paris, a Biblioteca Nacional da Grécia, em Atenas, o Estádio San Nicola, em Bari (Itália), a Vineria Rocca di Frassinello, também em Bari, ou as Torres Renzo Piano, em São Francisco, poucos serão os desafios verdadeiramente novos. Com o seu jato à espera no aeroporto, Renzo arranhou tempo para conversar conosco. E mais houvesse...

Vive entre Génova, onde passa uma semana por mês, Nova Iorque e Paris, onde tem a sua residência principal e uma das sedes dos seus escritórios. Como é viver neste perpétuo movimento entre três casas? É nunca saber onde estão os sapatos bons... [risos] Paris é onde passo mais tempo, porque é onde o Giorgio [o seu filho mais novo, de 11 anos, fruto do segundo casamento] vai à escola. Além disso, também adquiri a nacionalidade francesa.

Tem quatro filhos: Carlo, de 45 anos, Matteo, de 42, Lia, de 25, que vivem em Itália, e Giorgio, de 11 anos, que vive consigo e com a sua mulher em Paris... O Giorgio nasceu quando começámos esta obra em Lisboa. Consigo situar os projetos na minha vida pelas idades dos meus filhos. São quase como árvores — sou capaz de medir cada trabalho a partir das “marcas na árvore”. A minha filha Lia, de 25 anos, nasceu durante a construção do Beaubourg [Centro Georges Pompidou], em Paris. Agora, ela trabalha na nossa Fundação Bottega, cujo lema é “aprender fazendo”, e publicou um livro. Quando alguém me pergunta algo sobre uma obra, penso sempre nos meus filhos. E em dez segundos situo-me relativamente a eles. Tenho uma boa memória visual.

E afetiva, pelos vistos. Sim... Construir é um pouco como criar. Depois de se construir, regressa-se sempre à obra, para cuidar dela. A aventura de criar um edifício está muito associada a um determinado momento no tempo. E a um local.

A sua filha Lia estudou arquitetura. Não deve ser fácil tentar seguir as pisadas de um pai que é um arquiteto reconhecido... A dada altura, ela estudou arquitetura. Mas eu não sou muito consensual entre a Academia italiana, portanto ela sentiu algumas dificuldades. Ela ainda tentava disfarçar, dizendo que o seu apelido era Piani, Piana... Mas quando descobriam que era Piano... Eu não faço parte da “igreja”, do *establishment* italiano.

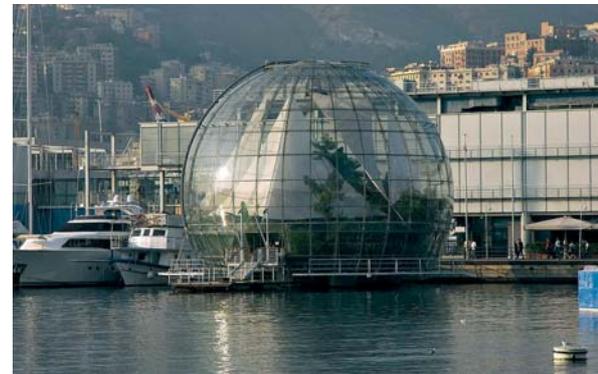
Alguma das casas em que vive foi desenhada por si? Não. Só em Génova, onde temos uma sede com vista para o mar, a estufa foi criada por mim. Desenhar casas é uma tarefa muito difícil, especialmente se for a nossa casa. E nunca sobra tempo para isso. Uma casa tem um lado emocional muito forte, é um sítio para viver. É mais importante o espaço do que o design, eu diria. Gosto de casas abertas, com muita luz.

Já fez tanta coisa — edifícios, estádios, aeroportos, bibliotecas, museus, adegas e até sedes de jornais... O que seria um desafio para si? Há alguma coisa que ainda não tenha feito? O bom da arquitetura é que cada trabalho é uma nova aventura. Mesmo que já tenha feito algo semelhante, nunca é a mesma coisa. É preciso ser estúpido para fazer duas coisas da mesma maneira. Uma coisa é certa: o que te mantém vivo não é aquilo que já fizeste, mas aquilo que ainda tens para fazer. Desafios novos também podem ser novas experiências, coisas que ainda não exploraste. Por exemplo: agora estamos a fazer uma pequena casa para viver no espaço — uma casa transportável. Outro exemplo: neste projeto de Lisboa, surgiu a ideia de brincar com a luz e os reflexos e as cores nos azulejos; é algo que não tinha feito antes. Mas não tenho nenhum desejo específico para concretizar antes de morrer. E não tenho esse desejo porque estou feliz com o que tenho.

Como se inicia o seu processo criativo? A arquitetura é uma arte na fronteira. Tem complexidade, vida social, geografia, topografia, história, tecnologia, antropologia — tanta coisa... Não se parte de um único ponto, parte-se de tudo. Há um pequeno tremor de terra e depois vem o resto, desordenadamente.

“É preciso ser estúpido para fazer duas coisas da mesma maneira. O que te mantém vivo é aquilo que ainda tens para fazer”

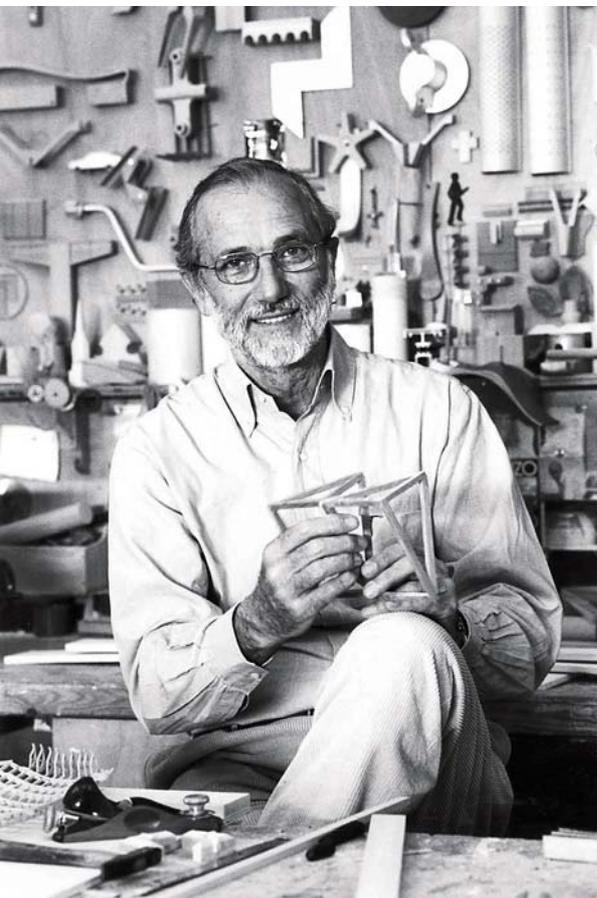
“Agora estamos a fazer uma pequena casa para viver no espaço”



DIVERSIDADE RENZO PIANO JÁ FEZ QUASE TUDO: TORRES RENZO PIANO (SÃO FRANCISCO); AEROPORTO DE KANSAI (OSAKA, JAPÃO); SEDE DO JORNAL "THE NEW YORK TIMES" (EUA); "BUBBLE" (PORMENOR DO PROJETO "IL BIGO DI GENOVA", ITÁLIA); INSTITUTO DE ARTE DE CHICAGO (EUA); INTERIOR DO AUDITÓRIO PARCO DELLA MUSICA (ROMA); PORMENOR DA PRAÇA POTSDAM (BERLIM)

“Fui para Florença, mas tive de fugir. Não se pode sobreviver num ambiente demasiado perfeito”

CRIAR RENZO NO SEU ATELIÉ, ONDE CONCEBE AS OBRAS. PARA ELE, A BELEZA É ALGO DE INATINGÍVEL E IMPOSSÍVEL DE DEFINIR — E É ESSA PROCURA QUE O MOVE



Começa-se pelo sítio, observando, porque os sítios contam histórias. A história deste local, em Braço de Prata, na zona oriental de Lisboa, é importantíssima. Durante séculos, foi um centro de produção de material bélico, de armas. E, assim, o meu desejo é ainda mais forte para transformar um local de guerra num sítio de vida. Muitas vezes, começa-se por andar no sítio e observar. Aqui, andando para cima e para baixo, ficou claro que o caminho era em direção ao rio. A água é a matéria de que Lisboa é feita, de onde ela vem. Lisboa nasceu da água. Misturaram-se estas variáveis, a topografia do sítio, pensa-se nos riscos que não se podem correr — como fazer do local um dormitório ou uma zona de escritórios, que se tornam espaços vazios —, adiciona-se cultura, uma zona para crianças, que trazem som, alegria... É preciso um pouco de tudo. Também se pode começar pelos esboços. Pelo sol e pelos ângulos da luz, conforme as horas do dia e a estação do ano.

Dizem que é um arquiteto muito tecnológico.

Revê-se nessa afirmação? Esses são os nossos tempos. Por que raio não haveríamos de beneficiar da tecnologia? Temos de ser contemporâneos, não é? Se se for parvo, é-se parvo fazendo uso da tecnologia ou não. A estupidéz é transversal. Acima de tudo, sou um construtor. Foi assim que cresci. Na minha família, todos trabalhavam na construção civil — o meu pai, o meu tio, o meu irmão... Cresci a querer ser arquiteto para poder escapar à minha família.

Em Itália, não existe aquela rivalidade entre construtores e arquitetos? Claro que existe. Quando eu disse ao meu pai que queria ser arquiteto, a primeira pergunta que ele fez foi: “Porquê?” Eu só queria escapar à família. Quando se tem 18 anos, é isso que se faz.

É só isso? A arquitetura foi uma desculpa? Sim. Não diga a ninguém... [risos] Naquele tempo, não havia arquitetura em Génova — só em Florença ou em Milão. Por isso, eu tinha de sair da cidade para estudar.

Como reagiu o seu pai? Como um típico genovês. Os genoveses não falam muito. Disse: “hum”, “ah”, “porquê?”, “ma perchè?”. Foi assim. Claro que a arquitetura era diferente de fazer edifícios. Era construir edifícios com alma. Não há propriamente um motivo racional para ter escolhido ser arquiteto. Quantas vezes não fazemos escolhas porque nos apetece e depois construímos histórias

para as justificar? É claro que estou a exagerar um bocadinho... Até sei quando percebi que queria fazer arquitetura...

Quando foi? Quando compreendi que a arquitetura estava intimamente ligada à sociedade. Fui para Florença — mas esta cidade era demasiado bonita, demasiado perfeita. Tive de fugir de lá. Não se pode sobreviver num ambiente demasiado perfeito. É suicídio. Quando estamos rodeados por tanta beleza, ficamos paralisados. Nem tentamos nada. Então fui para Milão, onde a vida pública era mais intensa. Em 1962, 63, nós, estudantes, ocupávamos as universidades à noite, muito antes do maio de 68 em Paris. Dormíamos na universidade. Eu tinha uma vida dupla: de dia trabalhava num gabinete de arquitetura e à noite envolvíamos-nos em discursos de como íamos mudar o mundo... Era isso que distinguia a arquitetura da construção. Aqui entra a tal componente social e cívica, política, da *polis*. Havia discursos até às 2 horas da manhã e depois adormecíamos, ali mesmo. De manhã, acordava às 7 horas, tomava um duche e ia trabalhar. Foi nesta altura que comecei a perceber porque escolhi arquitetura. Mais tarde, descobri outra coisa, muito mais difícil de tocar: a beleza. É um assunto de que não é fácil falar.

Porquê? Porque é muito privado. A beleza é daquelas coisas que, mal se fala, se perde. Foge. É algo que não podes tocar. É como uma mulher bonita que nunca se deixa agarrar. Em todas as obras, em todos os artigos, em todas as músicas, em todos os quadros, há sempre algo que falta. Essa é a luta. Há sempre algo inatingível.

É isso que procura nas suas obras — a beleza? Sim, mas sem o saber. É algo que se tem na cabeça... E a beleza é impossível de definir. A não ser que seja pela definição grega de “bem comum”. Beleza e bem em conjunto. Nesse sentido, a beleza é mais compreensível. Neste projeto de Braço de Prata, o bem comum é fazer um sítio bom para as pessoas viverem. Há algo de narcisista no conceito de beleza isoladamente: parece um pouco vago, vazio... Mas combinar o bom e o belo... É como escrever: se escrever um texto lindo, vazio, não adianta nada — é *bullshit*. E se escrever um texto cheio de conteúdo, mal redigido, também não funciona. Combinar o bom e o belo é o segredo para tudo na vida. ■

unica@expresso.impresa.pt